

## COLIGAY E A DIVERSIDADE NO MUSEU DO GRÊMIO<sup>1</sup>

### *Eixo Temático 30 – PRÁTICAS CORPORAIS: DIÁLOGOS COM GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE*

Luiza Aguiar dos Anjos <sup>2</sup>

#### RESUMO

O Museu do Grêmio – Hermínio Bittencout foi aberto ao público em 2015. O espaço está situado dentro da Arena Grêmio, nova praça esportiva do clube gaúcho que, sob os preceitos modernos de segurança, conforto e espetáculo, substituiu o Estádio Olímpico Monumental, em 2012. Esse trabalho analisa a exposição permanente do Museu, com foco na presença da Coligay. O grupo, atuante na década de 1970, ocupa um de seis painéis da chamada “Ala das torcidas”. Entendo que o conteúdo exibido busca associar dois valores aos/às gremistas: fidelidade e diversidade. Embora contribua para ambos os argumentos, é sobretudo a associação da Coligay à diversidade sexual que é fundamental para a representação trazida na exposição do Grêmio como um “clube de todos”, acolhedor à todas as diferenças.

**Palavras-chave:** Coligay; Museu; Diversidade.

#### INTRODUÇÃO

Em 1983, iniciou-se o projeto do primeiro espaço museológico do Grêmio Football Porto Alegrense<sup>3</sup>, no Estádio Olímpico, então sede do clube e local em que mandava seus jogos. Foi uma iniciativa capitaneada por Ema Tereza Facchin Coelho de Souza, mais conhecida como Dona Ema (ANJOS, 2022; DAMO, 1998). Torcedora fiel, passou a se dedicar ao Grêmio ao oferecer-se como voluntária, após sua aposentadoria. Além de gremista, ela também tinha certa proximidade com alguns diretores. Apesar de

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte de uma Tese de Doutorado que foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Professora, Doutora, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Campus Timóteo - MG, [luizaaguiardosanjos@gmail.com](mailto:luizaaguiardosanjos@gmail.com).

<sup>3</sup> De agora em diante, apenas Grêmio.

não possuir formação na área, lhe foi oferecida a tarefa de concretizar o desejo de dois conselheiros do clube, Henrique Amábile Filho e Hermínio Bittencourt, da criação de um Museu da agremiação (ANJOS, 2022).

O trabalho começou pela limpeza, identificação e organização de premiações, o que deu origem à “Sala de Troféus Henrique Amábile”, inaugurada em 1984. A ela, em 1989, foi incorporado um setor que contava histórias do clube, apresentando uma espécie de cronologia de sua trajetória esportiva, nomeado como “Museu do Grêmio”. Esse espaço museológico cresceu e se diversificou ao longo dos anos, agregando novos objetos à história oficial de embates e conquistas, muitos dos quais doados por jogadores e torcedores/as. E, em 2004, o acervo foi ampliado, reorganizado e transferido para outro local, batizado de Memorial Hermínio Bittencourt (ANJOS, 2022).

Entre as várias fotos que ilustravam o período de 1977 a 1983 da trajetória gremista, havia uma pequena imagem da Coligay, torcida gay que acompanhou com destaque os anos iniciais dessa sequência de conquistas<sup>4</sup> (ANJOS, 2022). A referência, contudo, é bastante singela quando comparada à presença no atual museu do clube.

O quarto espaço dedicado à memória do tricolor gaúcho surgiu com a construção de seu atual estádio, a Arena do Grêmio, inaugurada em 2012. Buscando adequar-se à grandiosidade e modernidade da Arena, a diretoria do Grêmio dedicou maiores investimentos à empreitada e contratou uma empresa multinacional especializada no ramo para projetar o Museu do Grêmio – Hermínio Bittencout, que foi aberto ao público em 2015.

A Coligay aparece em um amplo painel da “Ala das Torcidas”, parte de sua exposição permanente. A torcida é a única mencionada explicitamente no Museu. Tal destaque rompe com um silenciamento do clube sobre o agrupamento (ANJOS, 2022; BANDEIRA, 2019), além de subverter com o valor da virilidade historicamente associado ao futebol e as torcidas.

Este trabalho visa, assim, compreender o significado da presença da torcida Coligay no Museu do Grêmio.

A partir de uma análise da exposição, em diálogo com duas entrevistas com coordenadores/as do Museu, demonstrarei como tal presença se relaciona com valores

---

<sup>4</sup> De 1977 a 1983 o Grêmio foi campeão estadual três vezes (1977, 1979, 1980), brasileiro (1981), da Taça Libertadores e mundial (1983).

que o clube visa defender como próprios de sua tradição, em especial a noção de diversidade.

## **METODOLOGIA**

No ano de 2016, foram realizadas duas visitas no Museu do Grêmio, passando por sua exposição permanente e fazendo registros fotográficos. Também foram feitos registros numa espécie de diário de campo, a fim de agregar impressões obtidas na visita e aspectos referentes à disposição dos objetos e alas, que poderiam não ser notadas através das imagens.

No mesmo ano, foi feita uma entrevista feita com o coordenador do Museu, Carlos Moll dos Santos, e, em 2015, com Dona Ema, responsável pelos espaços museológicos que o antecederam. Tais depoimentos seguiram os preceitos teórico-metodológicos da História Oral (ALBERTI, 2008).

Esses registros, em triangulação, é que compuseram o corpus de análise do texto.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O futebol, assim como outras manifestações populares, passou a ser considerado como passível de musealização a partir de mudanças no campo da museologia observadas a partir da década de 1970, quando, entre outras transformações, as noções sobre o que é patrimônio e qual o papel de um museu se ampliaram (AZEVEDO; ALFONSI, 2010).

Mas modificações citadas pelas autoras tardaram a se materializar na valorização da memória do futebol brasileiro e na profissionalização do trabalho que a envolve. Parece ser apenas na década de 2010 que clubes e outras instituições no Brasil têm começado a se preocupar mais efetivamente com a criação e/ou qualificação de espaços museológicos voltados ao futebol<sup>5</sup>, mesmo assim ainda não sendo um fenômeno hegemônico ou consolidado. Museus voltados à memória do futebol nacional ou regional, assim como de clubes, estão presentes em algumas das chamadas “novas arenas” do futebol brasileiro, modelos de estádios que emergem no Brasil a partir da

---

<sup>5</sup> Destaca-se, em 2008, o lançamento do Museu do Futebol, sediado no estádio Pacaembu, em São Paulo (SP).

década de 1990 e se multiplicam a partir da Copa do Mundo FIFA de 2014, nos quais se privilegia o conforto e a segurança dos espectadores, incentivando-os ao consumo (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2006). Esses equipamentos também têm o status de multiuso, oferecendo atrativos para além do espetáculo esportivo, como restaurantes, lojas, shows e, também, os já citados museus.

O incremento ou a criação dessas instituições voltadas à memória futebolística e/ou clubística é uma das formas de preservação de certo passado, da tradição que os velhos estádios carregam, os quais não se pretende perder com os processos de modernização implementados (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO; SILVA, 2013). Isso porque a relação dos/as torcedores/as com seus respectivos estádios está permeada por aspectos simbólicos, muitos dos quais sacramentados a partir da sua ocupação desses espaços, levando-os a serem definidos como “suas casas” (DAMO, 1998).

O modo de fruição do jogo nas arenas é impactado pelas diferenças arquitetônicas em relação aos antigos estádios, que impelem algumas ações enquanto inibe outras (BANDEIRA, 2019), proporcionando diferenças em relação às vivências obtidas nos antigos estádios. Ademais, algumas arenas, caso da do Grêmio, foram construídas em localidades diferentes de onde os clubes anteriormente mandavam seus jogos, impondo à torcida o estabelecimento de novas rotinas para assistir aos jogos no estádio, elas mesmas partes da experiência do jogo.

Na fala de torcedores/as gremistas que vivenciaram essa última mudança de estádio do Grêmio, do Olímpico à Arena, é recorrente a afirmação de que o novo espaço, ao menos por ora, ainda carece de “alma” e que no antigo estádio podiam se associar mais facilmente à história do clube e às suas memórias pessoais como torcedorxs (BANDEIRA, 2019). Ao analisar a exposição do Museu do Grêmio, é evidente o esforço de trazer esses elementos para a experiência do/a torcedor/a nesse novo território, reiterando o entendimento de que essa é uma das funções desses espaços museológicos.

Parto do entendimento que o museu do clube é um espaço em que a agremiação expõe sua memória oficial. Assim, entre inúmeros fatos, personagens, símbolos que podem ser definidos como importantes em sua trajetória, e diante de diferentes versões de histórias que deles podem ser contadas, são feitas escolhas em que alguns ganham visibilidade e outros não. Há, ainda, o desafio inerente a musealização de uma

manifestação cultural viva, dinâmica e múltipla, que envolve permanências e efemeridades (AZEVEDO; ALFONSI, 2010).

O produto final de uma exposição museológica passa, assim, pelas opções de seus/suas curadorxs em diálogo com as decisões da instituição que sedia e promove tal exposição, além das condições materiais disponibilizadas para o projeto (verba e espaço disponíveis, por exemplo).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Museu do Grêmio tem dois andares. No primeiro, há uma galeria de troféus e a chamada “Experiência Imersiva”<sup>6</sup>. No segundo, há uma ala reservada à uniformes históricos do clube, outra voltada à torcida gremista e uma última reservada aos estádios que o Grêmio já ocupou.

A “Ala das torcidas” é composta por diversos painéis sobre pessoas, grupos e manifestações gremistas, entre os quais se encontra um sobre a Coligay. Além dele, são tematizados: o torcedor ilustre e compositor do hino do clube, Lupicínio Rodrigues; o torcedor icônico Bombardão; a Avalanche; os/as (anônimos/as) torcedores/as gremistas pelo mundo; a grandiosidade e o fanatismo da torcida gremista. A Coligay é, assim, a única torcida organizada nessa seção, não apenas sendo mencionada, mas recebendo destaque, com um painel exclusivamente seu.

Ao entrar nessa instalação, nos deparamos com um texto que busca definir o que é torcer para o Grêmio, intitulado “A Terra é azul”, que aponta que torcer para o clube é mais do que assistir seus jogos, envolvendo paixão, dedicação, reverência e celebração, estando “com o Grêmio onde, quando e como o Grêmio estiver”.

Analisando os textos e imagens dos demais painéis dessa seção (intitulados “A maior, melhor e mais fanática”, “O trem azul”, “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”, “Bombardão”, “Diversidade da Alegria”, “Gremistas pelo Mundo”, “Avalanche!”) me propus a identificar os elementos principais que compõem a representação dos/as torcedores/as gremistas – e, por extensão, do próprio Grêmio – ali exibida. Nesse exercício, percebi dois valores centrais associados aos gremistas:

---

<sup>6</sup> Uma sala em que, em todas as superfícies, são projetados vídeos de episódios memoráveis de partidas do Grêmio, alternando cenas dos lances em campo com imagens de torcedores/as, acompanhados por uma reprodução constante do som da torcida.

- 1) Fidelidade: por estarem presentes onde quer que o clube fosse jogar, fato representado na história do trem azul e registrado na faixa “Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”; por acompanharem-no mesmo em fases ruins; por manterem seu vínculo clubístico em qualquer lugar em que estivessem, como evidenciam as imagens de gremistas em diversas cidades do mundo e pelo amplo número de consulados do clube; por manterem uma numerosa torcida ao longo do tempo, ilustrado por meio da exibição de dados de pesquisas estatísticas.
- 2) Diversidade: pela existência e apoio de uma torcida gay, a Coligay; por terem um “homem simples que vivia de pequenos serviços e donativos” como torcedor-símbolo, Bombardão; pelo hino do clube ter sido composto por um “mulato nascido e criado no Bairro da Ilhota<sup>7</sup>”, Lupicínio Rodrigues.

Ao tratar do projeto que deu origem a essa ala, o coordenador do Museu, Carlos Moll dos Santos, afirmou que “o projeto [do setor da exposição] das torcidas, ele falava de outras coisas que falavam justamente dessa questão de como a torcida do Grêmio era plural ao contrário do que a imprensa repete” (MOLL DOS SANTOS, 2016, p.15), compactuando com a percepção do segundo valor que apontei. Essa impressão a ser corrigida decorre sobretudo da imagem do Grêmio como clube racista e elitista, construída ao longo do século XX (DAMO, 1998).

No painel dedicado à Coligay, há um texto que brevemente apresenta a torcida, uma imagem sua nas arquibancadas do Olímpico e uma reprodução de uma reportagem do jornal Zero Hora que também tratava do grupo, com uma citação em destaque.

O texto do painel faz referência ao contexto do surgimento da torcida e os feitos esportivos que testemunhou. A narrativa chama atenção para a coragem da Coligay e sua oposição à repressiva ditadura, a extravagância de suas vestes, ilustrando o perfil diferente do grupo, a importância da liderança de Volmar Santos, a fidelidade da torcida e seu status de pé-quente e, sobretudo, o fato de serem uma comprovação da pluralidade do Grêmio, enfatizado no título “Diversidade da alegria”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>7</sup> No período em que Lupicínio ali residiu, o Bairro da Ilhota era uma região pobre, que sofria com inundações, habitada majoritariamente por negros.

A Coligay se insere na exposição do Museu do Grêmio dentro de uma narrativa maior, que busca representar a torcida gremista como fiel e diversa. Ela é, assim, representativa dessas virtudes associadas ao clube e seus/suas torcedores/as na narrativa oficial ali defendida.

Embora já estivesse presente no Memorial do Grêmio, do Estádio Olímpico, se limitava a uma foto entre as ilustrações do período de 1977 a 1983, na cronologia da história do clube. A discreta presença – ainda que louvável – se opõe, no espaço do Museu atual, a um painel com altura superior a dois metros dedicado exclusivamente à Coligay, honraria que não foi oferecida a nenhuma outra torcida. Mas além do maior destaque, há um deslocamento de seu significado: enquanto no Memorial, a torcida ilustrava, primordialmente, um período, 1977 a 1983, no Museu, ela representa um valor, a diversidade.

Se tal Museu visa ilustrar o que o clube representa, esse valor se mostra fundamental para defender a tradição de pluralidade no Grêmio que se opõe à representação, cada vez mais incômoda, de elitista e racista. Um “clube de todos”, como suas campanhas recentes visam defini-lo (ANJOS, 2022).

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Orais**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay**. Santos, SP: Dolores Editora, 2022.

AZEVEDO, Clara; ALFONSI, Daniela. A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol. **Revista de História**, v.1, n.163, p.275-292, jul./dez. 2010.

BANDEIRA, Gustavo de Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. **Revista Esporte e Sociedade**, v.1, n.1, nov. 2005-fev. 2006.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

MOLL DOS SANTOS, Carlos Eduardo. **Depoimento de Carlos Eduardo Moll dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

REALE, Getúlio Sangalli. Construção de mundos: a onto-política de marketing no contexto do futebol de espetáculo brasileiro. 2016. 310 f. **Tese** (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Sílvia Ricardo da. Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena. **Espaço Plural**, Cascavel, v.XIV, n.29, p.193-218, jul-dez. 2013.

SOUZA, Ema Tereza Facchin Coelho de. **Depoimento de Ema Tereza Facchin Coelho de Souza**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.